

al-masam

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265 [semestral]

online

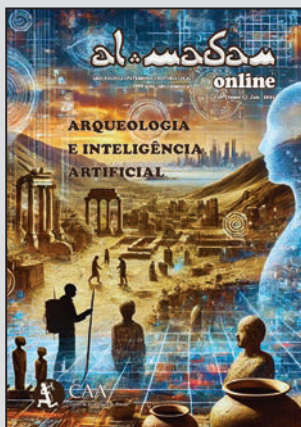
#28 (tomo 1) Jan. 2025

ARQUEOLOGIA E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Jorge Raposo

Composição sobre ilustração gerada por Inteligência Artificial a partir de uma instrução inicial, num “delírio” que exemplifica as novas abordagens interpretativas ao alcance desta ferramenta tecnológica, mas também a tensão entre a especulação criativa e o rigor por que se devem pautar as Ciências Sociais e Humanas, nomeadamente a Arqueologia.

Ilustração | © Pedro da Silva, Dall-E, 2024.

Al-Madan
online

2.ª Série, N.º 28, Tomo 1, Janeiro 2025

Proprietário e editor |

Centro de Arqueologia de Almada,
Apartado 603 EC Pragal,
2801-601 Almada Portugal

NIPC | 501 073 566

Sede do editor e da redacção |

Travessa Luís Teotónio Pereira,
Cova da Piedade, 2805-187 Almada

Telefone | 212 766 975

E-mail | c.arqueo.alm@gmail.com

Internet | www.almadan.publ.pt

ISSN | 2182-7265

Estatuto editorial |

www.almadan.publ.pt

Distribuição |

http://issuu.com/almadan

Periodicidade | Semestral

Apoios | Associação dos Arqueólogos Portugueses / Arqueohoje - Conservação e Restauro do Património Monumental, Ld.ª / Câmara Municipal de Almada / Dryas - Octopétala, Ld.ª / Câmara Municipal de Oeiras / Neoépica, Ld.ª

Director | Jorge Raposo
(director.almadan@gmail.com)

Publicidade | Centro de Arqueologia de Almada (c.arqueo.alm@gmail.com)

Conselho científico |

Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva
e Carlos Tavares da Silva

Resumos | Autores e Jorge Raposo
(português), Luísa Pinho (inglês)
e Maria Isabel dos Santos (francês)

**Modelo gráfico, tratamento de
imagem e paginação electrónica |**
Jorge Raposo

Revisão | Autores e Fernanda Lourenço

Colaboram neste tomo |
Luís Almeida, Massimo Beltrame,
Luís Borges, Patrícia Brum, Fábio
Capela, João L. Cardoso, Tânia
Casimiro, Maria João B. Coelho,

Leonor S. da Costa, Vanessa Dias,
Gisela Encarnação, José d'Encarnação,
Lídia Fernandes, Jorge Forjaz, Duarte
Formiga, Ana Fragata, Marcos T.
E. Frota, Joaquim Garcia, Manuel
García-Heras, Saul A. Gomes, Gerardo
V. Gonçalves, Carolina Grilo, Javier G.
Iñáñez, Vítor O. Jorge, Ricardo J. F.
Lima, Sebastião L. de L. Filho, Catarina
C. Leal, Afonso Leão, Rosa Marques,
Sonia M. Mascarós, Victor Mestre,
João Mirão, Judit Molera, Manoel O.
de M. Filho, Francisco Moura, José M.
S. do Nascimento, José L. Neto, J. Nilo
de S. Nobre, Susana Pacheco, Pedro
Parreira, Dina B. Pereira, Franklin

Pereira, João M. Perpétuo, Margarida
Pogarell, Inês M. Rato, António Rei,
Jorge M. Resende, Ana C. Ribeiro,
Fernando Rocha, Carla D. Rodrigues,
Clodoaldo Roldán, Filipe J. C. Santos,
Joel Santos, Maria do C. Santos,
Alexandre Sarrazola, João Sequeira,
Salomé Sequeira, Pedro da Silva,
Maria A. de Souza, José Vinagre e
Maurizio Zambaldi

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan Online* não seguem o Acordo Ortográfico de 1990. No entanto, a revista respeita a vontade dos autores, incluindo nas suas páginas tanto artigos que partilham a opção do editor como aqueles que aplicam o dito Acordo.

A impressionante rapidez a que se diversificam e operacionalizam as aplicações da Inteligência Artificial (IA) incute um amplo leque de sentimentos contraditórios, que vão do deslumbramento e optimismo à preocupação, angústia e mesmo fatalismo. São já evidentes os avanços obtidos em múltiplas áreas científicas e tecnológicas com impacto concreto e significativo na nossa vida, na forma como interagimos uns com os outros, com a fauna e a flora que connosco partilham este planeta, com a materialidade desse corpo celeste que nos dá abrigo e, até, com o contexto cósmico em que se movem milhões de outros. É evidente também a gigantesca margem de progresso que se antevê para todos esses campos e outros que nem imaginamos, bem como a brusca e aparentemente imparável aceleração do processo.

No campo das Ciências Sociais e Humanas, nomeadamente em Arqueologia, vão surgindo exemplos de aplicação que são eles próprios, também, exercícios de reflexão e debate, como sucede no artigo que justifica o destaque desta *Al-Madan Online*. As inegáveis potencialidades e benefícios das tecnologias baseadas em IA abrem vias de investigação fundamental e aplicada inovadoras, e dotam outras de novos recursos para resultados mais rápidos ou objectivos mais ambiciosos; mas também impõem novas questões epistemológicas, metodológicas, éticas, deontológicas..., enquanto geram riscos não despreciandos que importa identificar e, na medida do possível, prevenir e minimizar. Nestes últimos avultam os “delírios” ou “alucinações” característicos desta fase de desenvolvimento da IA, que a levam a tratar toda a base informativa disponível de igual forma, sem mecanismos de avaliação e aferição de qualidade e veracidade, o que resulta em respostas “criativas” e aparentemente coerentes que, contudo, podem ser parcial ou totalmente inventadas e/ou erradas. Acresce que, numa disciplina onde o trabalho de campo e o registo ocupam um lugar central na produção do conhecimento, os perigos da geração de textos e/ou imagens modificadas ou produzidas por IA, de modo a sustentar ou aprimorar “narrativas” preconcebidas e pseudocientíficas, são evidentes e devem preocupar arqueólogos, universidades e entidades de tutela. É uma discussão que urge encetar, para que gradualmente se imponham boas práticas e mecanismos regulatórios formais e não formais que credibilizem e promovam a Arqueologia e as múltiplas disciplinas que nesta confluem. No geral, a professora catedrática Virgínia Dignum, em entrevista publicada pelo semanário *Expresso* (2025-01-17), estabeleceu uma poderosa analogia da área em que é especialista: a IA é hoje “*um automóvel sem travões, guiado por uma pessoa sem carta de condução, numa rua sem sinais de trânsito*”. Se bem que abrangente e actual, esta não é, porém, a única frente de trabalho, reflexão e debate que marca a presente intervenção em Arqueologia e no Património Cultural, em geral. As mais de 200 páginas que se seguem documentam-no bem e espero que proporcionem boas leituras.

Jorge Raposo, 20 de Janeiro de 2025

RESUMO

Artigo dedicado à evocação de José Pires Gonçalves (1908-1984), médico de formação que dedicou boa parte do seu tempo à investigação da História e do Património artístico e arqueológico da região de Reguengos de Monsaraz. No plano da Arqueologia, a sua atenção centrou-se essencialmente nos menires, antas e cromleques do Alentejo, num trabalho militante, esforçado, consequente e, sobretudo, desinteressado, a que José Pires Gonçalves se entregou de corpo e alma ao longo da sua vida.

PALAVRAS-CHAVE: Pré-História; Megalitismo; Património; José Pires Gonçalves (1908-1984).

ABSTRACT

This article is dedicated to the memory of José Pires Gonçalves (1908-1984), a trained doctor who dedicated much of his time to researching the History and artistic and archaeological Heritage of the Reguengos de Monsaraz region. In terms of archaeology, his focus was essentially on the menhirs, dolmens and cromlechs of the Alentejo, a militant, hard-working, consistent and, above all, selfless endeavour to which José Pires Gonçalves devoted himself body and soul throughout his life.

KEY WORDS: Prehistory; Megalithism; Heritage; José Pires Gonçalves (1908-1984).

RÉSUMÉ

Article dédié à l'évocation de José Pires Gonçalves (1908-1984), médecin de formation qui a employé une bonne partie de son temps dans la recherche de l'Histoire et du Patrimoine artistique et archéologique de la région de Reguengos de Monsaraz. Sur le plan de l'Archéologie, son attention s'est focalisée essentiellement sur les menhirs, dolmens et cromlechs de l'Alentejo, dans un travail militant, poussé, conséquent et, surtout, désintéressé, dans lequel José Pires Gonçalves s'est investi corps et âme tout au long de sa vie.

MOTS CLÉS: Préhistoire; Mégolithisme; Patrimoine; José Pires Gonçalves (1908-1984).

José Pires Gonçalves

um médico no

“paraíso megalítico” *

de Reguengos de Monsaraz

João Luís Cardoso ¹

1. ANTES DE JOSÉ PIRES GONÇALVES: A IMPORTÂNCIA DO MEGALITISMO FUNERÁRIO DO TERRITÓRIO DE REGUENGOS DE MONSARAZ

Georg e Vera Leisner foram os arqueólogos que, no decurso da primeira metade do século XX, mais contribuíram para o conhecimento do megalitismo alentejano. Remontam à década de 1930 os primórdios das investigações dos dois arqueólogos alemães. Os antecedentes imediatos do seu trabalho no concelho de Reguengos de Monsaraz têm de ser procurados na Andaluzia, de que resultou a publicação, em 1943, da obra *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel. Der Suden*, que pressupunha a continuação para Oeste das suas investigações. A sua primeira publicação sobre o megalitismo português remonta a 1940, tendo sido dedicada ao dólmen de falsa cúpula de Vale de Rodrigo, no vizinho concelho de Évora (LEISNER, 1940). Os trabalhos de reconhecimento de campo de monumentos megalíticos realizados a partir de 1943 no concelho de Reguengos, resultaram na célebre monografia editada em português em 1951 (LEISNER e LEISNER, 1951), na qual se apresenta a cartografia arqueológica das antas de Reguengos de Monsaraz, cujo início de escavação criteriosa e sistemática remonta a 1946. Dos 135 dólmenes actualmente identificados no concelho de Reguengos, apenas dois não tinham sido já referenciados pelos referidos arqueólogos alemães, o que prova bem a qualidade das suas prospecções (Fig. 1), as quais só foram retomadas cerca de 40 anos depois, no âmbito dos trabalhos realizados para minimização dos impactos arqueológicos do projecto do Alqueva, devendo-se a sua referência a Carlos Tavares da Silva (GONÇALVES, 2013).

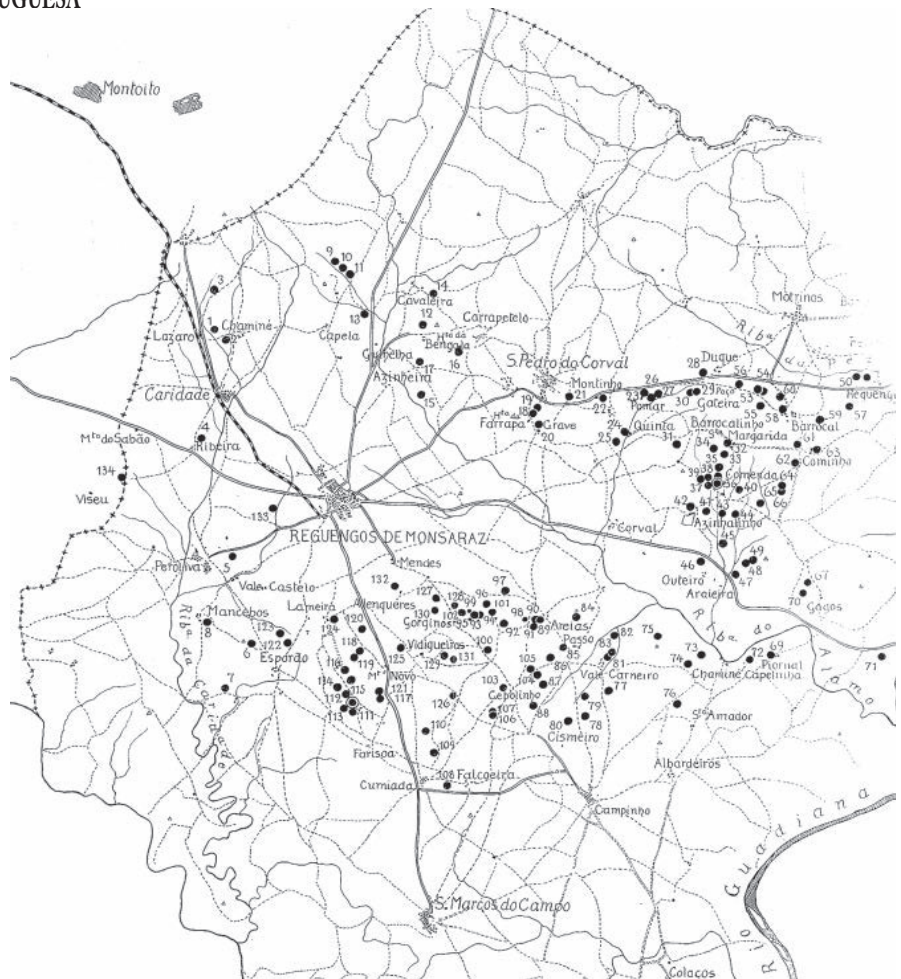
Georg e Vera Leisner só escavaram as antas que consideraram mais promissoras, com base no seu estado de conservação, até porque as suas dotações orçamentais eram insignificantes mesmo para a época, obrigando-os, por razões logísticas, a alojarem-se nos “montes” cedidos pelos proprietários, vivendo semanas a fio no campo, sujeitos às condições alimentares e sanitárias de qualquer pobre camponês assalariado desse tempo; no total, em 2000 (ano das últimas escavações em dólmenes do concelho de Reguengos), apenas 46 dólmenes se encontravam explorados, o que evidencia bem que a grande maioria deles permanece por escavar, sem contar com aqueles que entretanto foram destruídos.

* A expressão “Paraíso megalítico de Monsaraz” foi a escolhida por José Pires Gonçalves para título de um dos seus trabalhos, apresentado em Mérida em 1974 (GONÇALVES, 1976), fazendo jus à sua capacidade de se entusiasmar e de transmitir, através da palavra escrita, toda a beleza das suas descobertas.

¹ Investigador Integrado do ICArEHB (Universidade do Algarve); Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

Por opção do autor, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

FIG. 1 – Distribuição geográfica dos monumentos dolmênicos do concelho de Reguengos de Monsaraz realizada por G. e V. Leisner (segundo LEISNER e LEISNER, 1951).



As conclusões mais importantes do estudo de 1951 podem resumir-se aos seguintes aspectos:

– A admissibilidade da evolução local do fenómeno megalítico, indo ao encontro da posição de Manuel Heleno para a região de Montemor-Ciborro, com base na correlação entre as seqüências arquitectónicas e os respectivos espólios funerários. Assim, a etapa mais antiga do megalitismo estaria representada por monumentos fechados, ou de corredor simples, com apenas um esteio de cada lado, e câmaras poligonais.

Destes, o mais importante representante é a anta 1 do Poço da Gateira, o único monumento encontrado intacto, com um conjunto de vasos alinhados no seu interior, machados e enxós, lâminas não retocadas e micrólitos, destacando-se a ausência de pontas de seta e de placas de xisto, que só aparecem ulteriormente, no Neolítico Final. Deste modo este monumento representaria os últimos estádios do Neolítico Médio regional, cuja cronologia ocuparia parte da primeira e da segunda metade do 4.º milénio a.C.;

– A negação de influências orientais, que à época constituíam a teoria dominante para explicar a própria existência das antas, consideradas toscas imitações dos sepulcros micênicos (DANIEL, 1941). Com efeito, coube aos Leisner demonstrarem cabalmente a independência entre a construção de dólmenes e de sepulturas de falsa cúpula, de origens culturais distintas, comprovada pelas evidências recolhidas nos dólmenes da Comenda e da Farisoa, aos quais se associaram duas sepulturas de falsa cúpula, mais modernas. Tal demonstração veio, aliás, comprovar plenamente as afirmações que no mesmo sentido tinham sido já apresentadas por Estácio da Veiga, muitos anos antes, a propósito das suas escavações na necrópole de Alcalar (VEIGA, 1889 e 1891).

A construção de *tholoi*, de que as duas referidas foram as primeiras ocorrências registadas na região de Reguengos, é caracteristicamente calcolítica, associando-se às primeiras sociedades metalúrgicas, relacionadas com a presença e exploração de mineralizações de cobre no Alto Alentejo (VIANA e FERREIRA, 1956);

– A distribuição dispersa das antas, sem revelar nenhuma concentração evidente, susceptível de corresponder a uma verdadeira necrópole. De facto, os monumentos distribuem-se perto das linhas de água, e ainda em pequenos outeiros ou encostas suaves. Esta realidade foi ulteriormente confirmada por Victor S. Gonçalves, que notou que a visibilidade de e para os monumentos não constituía aspecto determinante para a escolha do local da sua implantação (GONÇALVES, 2013).

A investigação do megalitismo funerário no concelho de Reguengos, após a fase brilhante corporizada pelos Leisner, foi prosseguida por Henrique Leonor Pina, mais de uma década depois. Do trabalho individual por ele desenvolvido resultou a escavação de vários monumentos dolmênicos previamente identificados pelo casal alemão. Estão neste caso as antas da Herdade do Duque (PINA, 1961) e da Azinheira (PINA, 1963). No entanto, os resultados obtidos nada acrescentaram ao que já se sabia do megalitismo da região. A actuação deste indivíduo teve aliás um nefasto desfecho, com a destruição, através de escavação selvagem, de um dos dólmenes mais importantes e grandiosos da Península Ibérica, a Anta Grande do Zambujeiro, no concelho de Évora. Encontrando-se intacta no terreno, com o seu *tumulus* integralmente conservado, depois da destruição a que foi sujeita por Henrique Leonor Pina, passou a ser um monumento esventrado e em estado iminente de colapso, sem que ao longo das últimas décadas e até ao presente, a situação se tenha alterado, para opróbrío dos sucessivos poderes oficiais com responsabilidades na matéria.

No decurso das duas décadas seguintes não se voltaria a escavar uma anta no concelho de Reguengos, voltando-se as atenções para a descoberta das espectaculares manifestações do megalitismo não funerário, representadas por menires e cromeleques, até então totalmente desconhecidos, em resultado dos Leisner terem focalizado exclusivamente a sua atenção na identificação de antas. Com efeito, seria difícil não terem tomado conhecimento de, pelo menos, alguns dos menires ou cromeleques reguenguenses que só décadas depois foram devidamente reconhecidos como tal, dada a monumentalidade dos mesmos e a proximidade das antas que exploraram e publicaram, conforme sublinha José Pires Gonçalves, logo num dos seus primeiros trabalhos dedicados ao tema. Tal evidência levou a designá-los por “sepulcrólogos”, por não terem registado nas páginas da sua importante monografia de 1951 “*a mais leve referência*” a tais monumentos (GONÇALVES, 1970: 153). Tenha-se presente a insuspeita apreciação de Victor S. Gonçalves, proferida na sessão póstuma de homenagem ao arqueólogo que hoje celebramos, realizada sob a égide da Sociedade Portuguesa de Autores, em 1988, em Reguengos, na casa que foi do seu amigo António Gião: “*Se quisesse escolher três acontecimentos que marcassem nos últimos vinte anos mudanças de perspectiva na Pré-história de Portugal, não hesitaria em colocar entre eles a descoberta dos menires de Reguengos de Monsaraz*”. Mais à frente, acrescentou: “*Pires Gonçalves viveu em Reguengos de Monsaraz quando em qualquer cidade seria bem-vindo o seu exercício da medicina. Dessa escolha fez parte toda a sua investigação histórica e arqueológica. Entender os menires de Reguengos de Monsaraz e projectá-los à escala europeia foi para ele não uma recompensa nem uma busca de fama e proveito, mas um acto natural da sua maneira de viver a terra alentejana*” (GONÇALVES, 1988). Justas e certas palavras, que se espera virem a ser demonstradas no que a seguir se dirá.

2. JOSÉ PIRES GONÇALVES E A DEMONSTRAÇÃO DA EXCEPCIONAL IMPORTÂNCIA DO MEGALITISMO NÃO FUNERÁRIO DE REGUENGOS DE MONSARAZ: MENIRES ISOLADOS E CROMELEQUES

2.1. NOTAS BIOGRÁFICAS

José Pires Gonçalves nasceu circunstancialmente em Torre de Coelheiros, Concelho de Évora, a 1 de Novembro de 1908, e faleceu em Reguengos de Monsaraz, a 4 de Fevereiro de 1984 (Fig. 2). Obtida a formação em Medicina pela Faculdade de Medicina de Lisboa, em

1933, e quando podia seguir uma carreira bem mais aliciante do ponto de vista remuneratório e de oportunidades profissionais num grande centro urbano, como Lisboa, optou por regressar ao seu Alentejo natal, tendo desempenhado, até morrer, o seu múnus de médico de Clínica Geral, em Reguengos de Monsaraz, ao longo de quase cinquenta anos ininterruptos, já que foi iniciado no longínquo ano de 1938.

Pode dizer-se que o apoio dispensado à população do concelho foi de tal forma profundo e, ao mesmo tempo, diversificado nas várias vertentes da Medicina, especialmente naquelas que mais afligiam as populações locais, no domínio das doenças infecciosas e de acidentes de trabalho com máquinas agrícolas, que o concelho atingiu a invejável posição de ser um dos que possuía maior grau de assistência médica disponibilizada às parturientes, conforme se pode comprovar pelo Anuário Estatístico de 1974. E isto devido, apenas e exclusivamente, à sua acção verdadeiramente militante e guiada por um ideal de serviço público, posto ao serviço de todos, sem excepção, também na qualidade de Director Clínico do Hospital de Reguengos de Monsaraz.

Na verdade, os ideais que mobilizavam o Dr. José Pires Gonçalves desde a juventude (foi militante do MUD, a que aderiu em 1947, o que lhe valeu sérias dificuldades no exercício da sua profissão no quadro da Função Pública durante alguns anos). Na verdade, estes ideais de ajuda e



FIG. 2 – José Pires Gonçalves (1908-1984). Processo Individual da Academia Portuguesa da História.

de serviço ao próximo em regime de total entrega, incluindo sacrifícios pessoais, foram os mesmos que continuou corajosamente a defender logo depois do 25 de Abril de 1974, quando os ânimos estavam extremados no seu Alentejo, tendo sido de novo prejudicado, agora pelo poder recém-instituído.

Foram também os princípios de serviço para com os seus conterrâneos que o fizeram enveredar decisivamente pelos estudos de cariz histórico, de que foi cultor produtivo e consequente, mobilizando para eles toda a sua conhecida energia e dedicação.

Como médico, ajudava os seus conterrâneos a suportar os males do corpo e também os da alma; como historiador, valorizava a terra que amava e que a todos pertencia, fazendo com que, por via dos estudos a ela dedicados, pudesse ser conhecida e dignificada tanto no País como além-fronteiras. Para o efeito, e ainda como estudante de Medicina em Lisboa, tornou-se frequentador da Torre do Tombo, acedendo a documentos importantes sobre a história da sua terra, disponibilizados pelo então Director, de quem se tornou grande amigo, o Dr. João Martins da Silva Marques, também ele alentejano e vizinho, nascido na vila de Redondo, onde vinha amiúde (informação de Rui Mataloto, 2024-09-15). É assim que se explicam os seus numerosos e valiosos trabalhos sobre a História e o Património Artístico de Monsaraz, região de que muito pouco então se sabia, afirmando-se como respeitado historiador local. Entre todas, destaca-se a obra *Monsaraz e Seu Termo*, publicada pela Junta Distrital de Évora em duas partes (GONÇALVES, 1961 e 1963). As investigações realizadas para este trabalho seminal não mais abrandaram ao longo dos anos, dedicando, não por acaso, a Monsaraz a sua primeira comunicação feita na Academia Portuguesa da História, poucos meses volvidos da sua eleição para Académico Correspondente, a qual foi anos depois publicada (GONÇALVES, 1979a).

Com efeito, ao longo da década de 1960, publicou sobre Monsaraz outros valiosos trabalhos monográficos que evidenciam o cuidado da sua investigação de campo, pautada sempre pela confrontação, quando possível, com as fontes documentais, que o tornaram o maior conhecedor do passado daquela vila alentejana e territórios adjacentes. É o caso dos estudos, todos felizmente publicados, sobre o notável fresco dos Paços da Audiência de Monsaraz, o relativo à “cuba” de Monsaraz, outro sobre a ermida românica de Santa Catarina, o respeitante à igreja velha de Santo António dos Reguengos, e, enfim, o dedicado à “defesa” e solar do Esporão, entre outros, cuja enumeração se afasta dos propósitos deste contributo, centrado na componente arqueológica do labor do nosso homenageado.

O estudo destes monumentos foi, naturalmente, acompanhado da abordagem das respectivas conjunturas económicas e políticas de cada época, a par das personalidades medievais mais marcantes que se movimentaram no território de Monsaraz, fascinado especialmente pela figura notável de Geraldo *Sempavor*, o conquistador de Monsaraz,

em 1167, objecto de uma comunicação na Academia Portuguesa da História, em 1977, depois publicada (GONÇALVES, 1979b). Ali valorizou os testemunhos fornecidos pelos cronistas árabes, revelados por obras que então eram pouco utilizadas na historiografia portuguesa, depois de David Lopes, que infelizmente não conheceu sucessor à altura no domínio da análise histórica.

Este trabalho revela toda a pujança do investigador pautado pela inovação metodológica, liberto de preconceitos e de “escolas” típicas dos meios universitários da sua época, que já vinha sendo anteriormente confirmada, através do estudo respeitante à presença árabe pela toponímia ainda hoje conservada na região, numa época em que os estudos da herança árabe eram pouco valorizados entre nós (GONÇALVES, 1966).

Ciente da importância de estudar a realidade histórica dos dois lados da fronteira, artificialmente criada ao longo do grande rio, cuja importância foi salientada numa outra notável comunicação apresentada à Academia Portuguesa da História (GONÇALVES, 1981), rapidamente estabeleceu e manteve contactos duradouros com investigadores espanhóis, passando a ser presença assídua nesse país ao longo das décadas de 1960 e de 1970, sempre com comunicações de âmbito regional apresentadas aos sucessivos Congressos de Estudios Extremeños, inicialmente sobre temáticas históricas, mais tarde sobre temáticas sobretudo pré-históricas. Todas elas são reveladoras do fascínio que lhe despertou tanto a realidade histórica, como a que a antecedeu, expressa pela arte rupestre e pelos monumentos megalíticos (menires e cromeleques) a ela associados.

Integrava de forma natural e consequente contribuições sobre temas históricos e patrimoniais, por um lado, e do campo da Pré-História, por outro, depois da confirmação da importância das respectivas manifestações, que começaram a ser por ele estudadas e publicadas a partir de 1968.

Esse esforço mereceu o reconhecimento de diversas associações científicas, que confirmaram a valia do seu trabalho. Foi académico correspondente da Academia Portuguesa da História (desde 1976) e sócio da Associação dos Arqueólogos Portugueses (desde 1968), entre outras instituições, como o Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia e, no Estrangeiro, a Associação Brasileira de Etnografia e Folclore e, em Itália, o Centro Camuno di Studi Preistorichi, por via da ligação estabelecida com Emmanuel Anati, grande impulsor do estudo da arte rupestre pré-histórica transalpina.

Importa sublinhar que a sua condição de homem radicado na província nunca foi impeditiva de se manter informado, adquirindo recorrentemente através das livrarias de Lisboa as obras estrangeiras especializadas de que necessitava para o prosseguimento dos seus estudos no remanso da sua casa de Reguengos. Constituiu uma importante biblioteca, recheada de obras que encomendava tanto em Lisboa, como no estrangeiro, sobre as temáticas especializadas a que se dedicou, e que não se encontravam disponíveis entre nós.

2.2. JOSÉ PIRES GONÇALVES: MENIRES, CROMELEQUES E MUITA ÂNSIA DE SABER

Importa ter presente que esta notável actividade cultural nunca distraiu o Dr. José Pires Gonçalves de servir os seus concidadãos e os interesses da sua terra, tanto como médico, como no exercício de outras funções de natureza pública ou comunitária. Pelo contrário: via-a como uma forma de serviço em prol do interesse comum. É assim que também se compreendem diversos cargos por si exercidos, como o de Presidente da Junta de Turismo da Região de Monsaraz, e de Presidente do Grupo dos Amigos de Monsaraz. E também a intensa actividade como publicista, expressa por muitos e valiosos artigos publicados na imprensa local, regional e nacional, de Lisboa, de Évora e de Reguengos de Monsaraz, a começar logo em 1942 pela polémica que manteve nas páginas do diário *Notícias de Évora* com Túlio Espanca, a propósito da História de Monsaraz e do importante retábulo quinhentista *Descida da Cruz*, existente na igreja da Santa Casa da Misericórdia de Monsaraz, e que havia sido removido para restauro, em Lisboa, sem o conhecimento das autoridades locais. Foi o próprio Túlio Espanca que lembrou este episódio aquando da homenagem prestada à memória do Dr. José Pires Gonçalves em Reguengos de Monsaraz, a 27 de Fevereiro de 1988 (ESPANCA, 1988). Assim se revelou, desde sempre, a personalidade franca e frontal do nosso homenageado, susceptível de produzir admiração, pelo vigor cristalino dos princípios defendidos, fossem eles quais fossem, mesmo entre os seus opositores, como foi o caso, ou mesquinho despeito, como infelizmente se verificou noutros, próprios da natureza humana. Foi agraciado postumamente com a Medalha de Benemérito da Santa Casa da Misericórdia de Reguengos de Monsaraz, em 2000.

No Inverno de 1975, com apenas 18 anos, desloquei-me a Reguengos de Monsaraz com dois companheiros que, como eu, tinham frequentado as aulas de Pré-História dos Professores O. da Veiga Ferreira e G. Zbyszewski no Palácio da Rosa, em Lisboa, onde então estava instalado o Centro Piloto de Arqueologia. Sem qualquer tipo de recomendação ou de aviso prévio, procurámos o Dr. José Pires Gonçalves, tendo sido por ele recebidos de imediato em sua casa, com a confiança que se dispensaria a velhos amigos. Nessa única oportunidade que tive de falar com ele, sem que tivéssemos quaisquer predicados a nosso favor, simples adolescentes privados de aulas, substituídas nesse ano pelo Serviço Cívico Estudantil, fomos conduzidos num encantamento aos mistérios das enigmáticas pedras que, à distância de milénios, falavam de cultos de fertilidade de que foram protagonistas, a par das mensagens nelas gravadas por símbolos que o fascinavam, e de era o interprete privilegiado, falando com tanto entusiasmo, como se fosse no dia da descoberta.

Era assim o Dr. José Pires Gonçalves que permanece na minha memória, homem que acreditava no seu semelhante, fosse ele quem fosse, a quem procurava transmitir, sempre, o calor da vida que animava todos os seus passos.

O interesse de José Pires Gonçalves pela Arqueologia resultou, antes de mais, da sua curiosidade e ânsia de saber sobre matéria que, até aos seus cerca de 40 anos de vida, lhe tinha passado despercebida. A oportunidade de contribuir, também desta forma, para a projecção nacional e internacional da sua terra, prestando assim mais um serviço aos seus conterrâneos, surgiu com a presença de Georg e Vera Leisner em Reguengos, para continuar o seu monumental estudo sobre o megalitismo ibérico.

Os cadernos de campo de Georg Leisner respeitantes, sobretudo, a 1944 e 1945 registam a importância incontornável dessa colaboração, na indicação objectiva da localização de monumentos, por vezes recorrendo a esboços desenhados a lápis em folhas de papel, na falta da base cartográfica adequada para o efeito, que ainda não existia na altura, bem como no acompanhamento ao terreno nos reconhecimentos então realizados, antecedendo a realização das escavações nos mais promissores, feitas a partir de 1946 com o apoio financeiro do Instituto da Alta Cultura (indicações verbais de Rui Mataloto, prestadas em Setembro de 2024). Esta colaboração, pela importância incontornável de que se revestiu para o êxito do trabalho realizado, não foi até agora devidamente valorizada nos estudos dedicados à actividade de Georg e Vera Leisner em Portugal. Tão-pouco os mesmos a assinalam, como deviam, limitando-se a registar o nome de José Pires Gonçalves, em último lugar, no elenco das personalidades oficiais, ou dos simples proprietários de montes onde pernoitavam (LEISNER e LEISNER, 1951: 8), quando foi essencialmente a ele que ficaram a dever os contactos que tornaram os trabalhos de campo possíveis, mitigando as dificuldades – que foram muitas – encontradas ao longo da sua realização.

Após a conclusão dos trabalhos de Georg e Vera Leisner em Reguengos, não mais José Pires Gonçalves deixou de se interessar pela Pré-História da sua terra. Seguindo os passos de Henrique Leonor Pina, a quem se deve a identificação do megalitismo não funerário alentejano, na sequência da localização, em 1964, do célebre cromeleque dos Almendres, no concelho de Évora, que abriu novas perspectivas para a Arqueologia portuguesa, também o concelho de Reguengos veio a revelar, pouco depois, o seu extraordinário legado no tocante ao megalitismo não funerário, por via da actuação do nosso homenageado, o qual não tardou a dar a conhecer essa realidade à comunidade arqueológica logo em 1970 (GONÇALVES, 1970).

Neste seu primeiro trabalho sobre os menires e cromeleques do concelho de Reguengos de Monsaraz, indica, no entanto, que cabe ao escritor e ensaísta alentejano Mário Saa a prioridade da identificação de um menir no concelho, cerca de 1964-1965, quando procurava marcos miliários romanos para redacção da sua obra *As Grandes Vias da Lusitânia*, e logo um dos mais notáveis: trata-se do menir fálco do

Outeiro, situado entre as aldeias do Outeiro e da Barrada, com 5,60 m de comprimento e o peso de cerca de oito toneladas, o qual foi, por iniciativa de Pires Gonçalves, colocado em posição vertical (Fig. 3), com o apoio da Junta Distrital de Évora e do Grupo de Amigos de Monsaraz, a 23 de agosto de 1969 (GONÇALVES, 1970: 162; GONÇALVES, 1975: 16). Localmente, este monólito era conhecido pelo sugestivo nome de “Penedo Comprido”, situando-se cerca de 2 km a Norte da Anta Grande do Olival da Pega, o que deveria ter bastado, só por si, para despertar as atenções, mesmo do mais distraído prospector. A sua evidente importância científica e patrimonial justificou estas palavras do nosso homenageado, que mantém plena actualidade meio século depois de terem sido escritas: “Os planos de acesso e protecção estão, há muito tempo, devidamente elaborados... e arquivados. Só falta a intervenção do Estado para a sua realização!” (GONÇALVES, 1975: 16).

O espanto provocado por este monumento público, dos primeiros construídos pela Humanidade nesta finisterra da Europa, não deixou indiferente Miguel Torga, que lhe dedica um belíssimo poema (*Diário*, XVI, p. 190, respeitante a 1990-1993):

Menir

*Salve, falo sagrado,
Erecto na planura
Ajoelhada!
Quente e alada
Tésura
De granito,
Que, da terra emprenhada,
Emprenhas o infinito.*

Pouco depois, em 1966, chegou ao seu conhecimento a existência do monólito da Belhoa ou Abelhoa, incompleto, com o comprimento actual de 2,75 m, em resultado da mutilação que sofreu para a obtenção de pedra, estimando-se que deveria ter atingido originalmente nunca menos de quatro metros, tendo por si sido desde logo identificado como monumento pré-histórico. Ao providenciar o seu reerguimento, em 1970, com a ajuda do mestre canteiro Francisco Mendes, verificou-se que a face que se encontrava voltada para a terra evidenciava um notável programa iconográfico, que lhe motivaram entusiasmadas palavras em diversos estudos dedicados a esta notável arte megalítica acabada de descobrir, e que imediatamente se publicaram (Fig. 4) (GONÇALVES, 1972: 497; SANTOS, 1972; GONÇALVES, 1976).

Outro notável monumento dado a conhecer pelo Dr. José Pires Gonçalves foi o cromeleque da Herdade do Xarez, que incluiria originalmente pelo menos 55 menires, possuindo um grande menir fálico



FIGS. 3 e 4 – Menir fálico do Outeiro aquando do seu erguimento do solo (em cima) e menir insculturado de Belhóa ou Bulhóa (à direita).



FOTOS: Arquivo M. Farinha dos Santos / J. L. Cardoso.



Foto: Arquivo M. Farinha dos Santos / J. L. Cardoso.

com mais de 4 m de altura e o peso aproximado de sete toneladas implantado originalmente no centro do recinto, muito embora boa parte dos menires estivesse deslocada pela maquinaria agrícola das suas posições originais, aquando da identificação, encontrando-se caoticamente amontoada naquilo que o nosso homenageado designou por dois “*ninhos*”, que então foram devidamente fotografados (Fig. 5). Tais fotografias, que foram pelo próprio publicadas, não deixam quaisquer dúvidas. Na verdade, este importante conjunto megalítico, já no estado de completa destruição em que se encontrava, chegou ao conhecimento de Pires Gonçalves, nos finais de 1969, através do lavrador José Cruz e do Eng.º Leonel Franco (GONÇALVES, 1970: 160).

Os indícios então observados no terreno levaram-no a considerar que o recinto megalítico tivesse uma planta quadrangular, o que constituiria caso único no território português. Porém, tratava-se de uma primeira impressão, que importava fosse confirmada através de escavação arqueológica, como é, muito justamente, declarado pelo próprio. Mas foi necessário aguardar décadas pela desejada escavação, realizada apenas em 1998, no âmbito dos trabalhos arqueológicos de minimização de impactos resultantes da construção da barragem do Alqueva, a qual, aliás, não conduziu a resultados concludentes a tal respeito, apesar do que então escreveu o responsável pelos referidos trabalhos (GOMES, 2000, 2002 e 2003); e, na verdade, a conclusão não poderá ser outra, pois dos 55 menires que então foram inventariados como pertencentes ao cromeleque, apenas 14, como reconheceu o citado autor, não teriam sido objecto de recolocação no terreno no decurso da intervenção de Pires Gonçalves que reconfigurou o monumento no terreno. Para o efeito, contou com a inestimável colaboração de um residente em Reguengos, o Senhor Humberto Ramalho, que levantou a planta do conjunto assim reconstituído, dando-lhe sugestivamente um contorno quadrangular, no centro do qual se encontraria o grande menir fálico insculturado. Tal menir foi



FIGS. 5 e 6 – Conjunto de menires amontoados após a despedrega dos terrenos pertencentes ao recinto megalítico do Xarez (em cima) e Estrutura de fundação do grande menir do Xarez (segundo GONÇALVES, 1972, em baixo).

único cuja fundação, constituída por estrutura de sustentação de vários blocos líticos, foi encontrada devidamente identificada e fotografada, o que fundamenta as reservas acima expressas quanto à posição original no terreno dos restantes e, conseqüentemente, da planta executada com a sua pretensa localização (Fig. 6).

Elemento determinante para a apreciação desta questão é o testemunho directo do então proprietário da Herdade do Xarez, o Prof. Doutor Raul Miguel Rosado Fernandes que, em carta dirigida ao jornal *Público*, publicada a 18 de Agosto de 2004, já depois de realizadas as escavações, em 1998, e publicados os resultados em 2000 e 2002, que puseram a descoberto toda a extensão do substrato geológico sobre o qual se colocaram os menires, mas sem identificar a fundação de qualquer deles, declara (FERNANDES, 2004): “*Foi um amigo meu eng. Leonel Franco que, quando ali caçava, identificou vários menires, completamente dispersos pela*

despedrega que eu tinha mandado fazer. Decidimos, eu e o dr. Pires (José Pires Gonçalves), mandar os meus tractores erigir os 43 menires encontrados, em quadrado, e não em círculo, porque era mais fácil para as lavouras [...]. Estavam todos próximos uns dos outros e o maior tem uma base que foi identificada e sobre a qual foi levantado. De resto nada mais se sabe, a menos que se invente”.

O mesmo catedrático da Universidade de Lisboa, em artigo publicado no volume de Homenagem a Mário de Albuquerque, reitera a informação, sob o sugestivo título “O Mistério do Cromeleque do Xerez” (FERNANDES, 2009).

Tal posição foi depois decisivamente reforçada por Victor S. Gonçalves, que, referindo-se ao recinto do Xerez, o caracteriza como “*fabricação da anedota megalítica*” (GONÇALVES, 2013: 13), depois de, já em 1999, se ter referido à planta proposta para o monumento como um “*absurdo*” (GONÇALVES, 1999: 58). Com efeito, face ao peso decisivo dos elementos disponíveis, não existem motivos para defesa da hipótese tão acarinhada por Pires Gonçalves, e depois adoptada por Varela Gomes aquando da reposição do conjunto no local onde presentemente se encontra, na sequência do enchimento da barragem do Alqueva.

Já com o seu trabalho seminal de 1970 no prelo, e apenas em nota final do mesmo, José Pires Gonçalves anunciou a identificação de um novo conjunto de menires na herdade dos Perdigões, cerca de 2 km a Norte de Reguengos de Monsaraz, possuindo um deles, fracturado e jazendo por terra, mais de quatro metros de altura.

A actividade de Pires Gonçalves ganhou grande visibilidade e prestígio depois da sua comunicação de 25 de Fevereiro de 1970, na Associação dos Arqueólogos Portugueses, de que resultou o artigo já referido, de 1970, para o que contou decisivamente, como o próprio declara, o incentivo de Manuel Farinha dos Santos, então Presidente da Secção de Pré-História da dita Associação. Assim se explica a visita dos participantes do II Congresso Nacional de Arqueologia, reunido em Coimbra entre 24 de Setembro e 1 de Outubro de 1970, que consolidou o reconhecimento pela comunidade científica do núcleo de menires e cromeleques de Reguengos de Monsaraz, que rapidamente conheceu fama internacional. Logo em 1972 é publicada a arte rupestre patente em alguns dos menires, então inventariados e pormenorizadamente descritos, em artigo publicado em Paris nos *Arquivos* da Fundação Calouste Gulbenkian (GONÇALVES, 1972), no mesmo ano em que sai a lume o livro *Pré-História de Portugal*, de grande tiragem, onde é dado conhecimento da importância das descobertas, ilustrado com magníficas fotografias a cores (SANTOS, 1972).

O reforço de este reconhecimento teve continuidade na comunicação apresentada às II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses, em Outubro de 1972, não publicada, logo seguida da comunicação sobre o tema da arte megalítica apresentada ao 5.º Congresso de Estudios Extremeños, reunido em Mérida, em 1974 (GONÇALVES, 1976).

Importa referir que este esforço de publicação atempada dos resultados que iam sendo obtidos no terreno, foi acompanhado pela compilação dos mesmos através do estudo de conjunto intitulado *Roteiro de Alguns Megálitos da Região de Évora* (GONÇALVES, 1975). Ali se encontram assinalados todos monumentos megalíticos do aro de Reguengos susceptíveis de poderem ser visitados, tratando-se, pois, de um roteiro para ser utilizado pelo público em geral, indicando-se para tal os caminhos de acesso mais adequados em cada caso, num esforço de divulgação notável e pioneiro. Não foi seguramente estranho a tal esforço o facto de o autor desempenhar então o cargo de Presidente da Comissão de Turismo de Reguengos de Monsaraz, cargo para o qual foi indigitado em 1973.

No que ao concelho de Reguengos de Monsaraz diz respeito, inventariou as seguintes ocorrências dignas de visita, em cuja identificação esteve directamente envolvido ou das quais foi mesmo o responsável:

- O cromeleque da Capela, que referiu ser constituído por quatro menires fracturados (n.º 19 do inventário);
- O conjunto de sete menires na Herdade dos Perdigões por ele registados, dispendo-se numa estreita faixa com cerca de 250 m de comprimento, na direcção Sudoeste-Nordeste, a cerca de 2 km de Reguengos, a que se juntou um outro menir, a cerca de 300 m a Nordeste dos já referidos, avultando o menir maior, com cerca de 4 m comprimento, de forma fálca, e o peso de cerca de oito toneladas (GONÇALVES, 1975: 14) (n.º 20 do inventário);
- O cromeleque do Monte da Ribeira, junto à ribeira do Álamo, identificado em 1967 pelo Dr. Quintino Lopes. Trata-se de um conjunto de pelo menos 16 menires, caídos e deslocados, que não ultrapassam 2 m de comprimento, dispersos por uma área de cerca de 30 m de diâmetro, no alto de uma colina, a cerca de 2 km de Reguengos, perto da estrada que vai para Monsaraz (n.º 21 do inventário);
- O menir fálco do Outeiro, já antes descrito (n.º 24 do inventário);
- O menir da Bulhoa, Belhoa, ou Abelhoa, já anteriormente descrito, que tanto entusiasmo mereceu, com fundada razão, a Pires Gonçalves quando se identificou a notável composição gravada que possuía na face que até então tinha permanecido oculta na terra (n.º 25 do inventário);
- O cromeleque da herdade do Xerez, já anteriormente caracterizado, que integrava pequeno menir fálco, o qual, em 1975 aguardava transferência para o Museu Regional de Évora, a que se soma um outro conjunto localizado a cerca de 300 m a Norte do anterior, constituído por “*10 pequenos menires de granito, todos gravados na base*” (GONÇALVES, 1975: 19) (n.ºs 27, 28 e 29 do inventário);
- O menir das Vidigueiras, situado na herdade homónima, a apenas cerca de 100 m do dólmen dado previamente a conhecer (LEISNER e LEISNER, 1951, n.º 125). Possui cerca de 3 m de comprimento e apresenta-se insculturado (n.º 30 do inventário). Foi objecto de comunicação, não publicada, intitulada “Menires de Reguengos de Monsaraz”, apresentada às II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses, realizadas em Lisboa em Outubro de 1972, como acima se referiu;

– O cromeleque da Farisoa, identificado por Pires Gonçalves (SANTOS, 1972: 65), na herdade da Farisoa, constituído por menires tombados formando recinto circular (n.º 31 do inventário).

Importa referir que estas informações foram incontornáveis para os estudos que, a partir da década de 1980, voltaram a ser retomados em Reguengos de Monsaraz, especialmente por Victor S. Gonçalves e por Mário Varela Gomes, os quais foram já objecto de detalhado estudo historiográfico do signatário (CARDOSO, 2014).

3. E OS VIVOS, ONDE ESTAVAM? OS CONTRIBUTOS DE JOSÉ PIRES GONÇALVES

Só tardiamente, por razões compreensíveis, resultantes da monumentalidade dos dólmenes, contrapondo-se à total falta de visibilidade da larga maioria dos sítios habitados, estes últimos foram objecto de identificação na região de Reguengos. Como era de esperar, foram os locais altos, evidenciados na paisagem, os primeiros a ser mencionados na bibliografia. É o caso da publicação de Afonso do Paço e de José Pires Gonçalves dedicada ao Castelo Velho do Degebe (PAÇO e GONÇALVES, 1962), na sequência dos trabalhos iniciados pelo primeiro dos citados arqueólogos no Castelo do Giraldo (Évora), onde identificou uma ocupação calcólica. Porém, aqui, em vez de uma presença pré-histórica, os escassos reconhecimentos então realizados vieram evidenciar épocas mais modernas, já da Proto-História e até da Época Romana.

Apesar dos numerosos testemunhos isolados da presença humana pré-histórica de carácter residencial observados no terreno – atente-se à presença de elementos de moagem, que a par e passo apareciam –, os mesmos foram apenas mencionados circunstancialmente e de passagem em diversos trabalhos de José Pires Gonçalves, como os identificados na Herdade da Arraieira ou Arraiana, objecto de uma singela notícia publicada em 1978.

Maior interesse possui outro testemunho do povoamento pré-histórico de Reguengos de Monsaraz, pela sua evidente raridade: trata-se de uma rocha possuindo inúmeros podomorfos insculturados, identificada na Herdade da Capela, a qual foi, dentro do enquadramento então existente, considerada um polidor rupestre, utilizado para o fabrico de instrumentos de pedra polida, publicado por Farinha dos Santos e Pires Gonçalves (SANTOS e GONÇALVES, 1979) (Fig. 7). Esta rocha, de assinalável interesse, independentemente do seu significado ou funções, foi apresentada no XV Congresso Nacional de Arqueologia, realizado em Espanha, na cidade de Lugo, em 1977, o

que reforça o pendor internacional da investigação desenvolvida por José Pires Gonçalves também no domínio da Pré-História, confirmada pela comunicação apresentada no ano anterior no IX Congresso da União Internacional de Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas, reunido em Nice, não publicada, igualmente em parceria com Manuel Farinha dos Santos, na verdade, o grande companheiro e colega de José Pires Gonçalves no campo da investigação pré-histórica de Reguengos.

Foi necessário esperar até ao primeiro levantamento arqueológico do Alqueva, realizado entre 1984 e 1985, para se conhecerem os primeiros povoados pré-históricos da região de Reguengos (SOARES e SILVA, 1992).

Os estudos sobre o povoamento pré-histórico da região em apreço prosseguiram no início do novo século, graças ao impulso produzido por Victor S. Gonçalves e colaboradores, de que resultaram importantes contributos publicados e a realização de dois colóquios, ambos em Monsaraz, com o apoio do município, com os desafidores motes: “Muitas Antas, Pouca Gente?”, logo seguido, pouco tempo volvido, do segundo: “Muita Gente, Poucas Antas?”, tendo os principais resultados desta notável actividade de campo e de gabinete sido já historiados pelo signatário (CARDOSO, 2014).

4. CONCLUINDO...

Os resultados arqueológicos obtidos por José Pires Gonçalves no concelho de Reguengos de Monsaraz tiveram continuidade, conhecendo nas últimas três décadas notável impulso devido à construção da barragem do Alqueva e aos trabalhos arqueológicos dela decorrentes, pela sua magnitude, diversidade e importância científica.

Porque, afinal, como Victor S. Gonçalves reconheceu, na qualidade, por certo, do mais consequente continuador dos estudos pioneiros do nosso homenageado, trata-se de “*Uma longa história de gentes, boas terras, símbolos e caminhos...*” (GONÇALVES, 1996: 93). Importa, pois, a este



FIG. 7 – Rocha insculturada com podomorfos da Herdade da Capela.

respeito, como em relação a qualquer outra realidade de natureza científica, ter sempre presentes os antecedentes, exemplarmente corporizados pelo trabalho militante, esforçado, conseqüente e sobretudo desinteressado de José Pires Gonçalves no conhecimento da Pré-História do seu concelho, a que entranhadamente e sem condições se dedicou de corpo e alma ao longo da sua vida, partilhada entre muitas actividades, sempre realizadas em prol e ao serviço da comunidade a que pertencia. Assim será sempre lembrada a sua Memória, no quadragésimo ano do seu passamento.

AGRADECIMENTOS

À Academia Portuguesa da História, na pessoa da sua Presidente, Prof.^a Doutora Manuela Mendonça, e do Sr. Luís Silva, pela possibilidade de consultar e utilizar as informações do Processo Académico do Dr. José Pires Gonçalves, ali conservado.

Ao Dr. Rui Mataloto, pelas informações que permitiram precisar melhor alguns pormenores do texto, sendo certo que a responsabilidade pelo mesmo cabe exclusivamente ao signatário. ✍

REFERÊNCIAS

- CARDOSO, João Luís (2014) – “Nos 50 Anos da Identificação do Megalitismo Não Funerário Alentejano. O povoamento da região de Reguengos de Monsaraz nos IV e III milénios a.C.” *Al-Madan Online*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 19 (2): 70-83 – <https://tinyurl.com/3x697mm7>
- DANIEL, Glyn (1941) – “The dual nature of the megalithic colonisation of prehistoric Europe”. *Proceedings of the Prehistoric Society*. Cambridge: Cambridge University Press. 7: 1-49 – <https://doi.org/10.1017/S0079497X00020260>
- ESPANCA, Túlio (1988) – “Homenagem à Memória do Dr. Pires Gonçalves”. Intervenção proferida no dia 27 de Fevereiro de 1988. *Palavra. Mensário de Reguengos* (1988-03-13). Reguengos de Monsaraz. 250, p. 11.
- FERNANDES, Raul Miguel Rosado (2004) – “Conjunto Megalítico do Xerez que Pode Ser Falso”. *Público*, 2004-08-18, p. 46.
- FERNANDES, Raul Miguel Rosado (2009) – “O Mistério do Cromleque do Xerez”. In *Estudos em Memória do Professor Doutor Mário de Albuquerque*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / Instituto Histórico Infante Dom Henrique, pp. 987-993.
- GOMES, Mário Varela (2000) – “Cromleque do Xerez. A ordenação do caos”. In *Das Pedras do Xerez às Novas Terras da Luz*. Beja: EDIA - Empresa de Desenvolvimento e Infra-estruturas do Alqueva, pp. 17-190 (*Memórias d’Odiãna*, 2) [republicado em *De Monsaraz e o Seu Termo ao Cromleque do Xerez* (2002). Lisboa: Fundação Convento da Orada].
- GOMES, Mário Varela (2003) – *Cromleque dos Almendres: um monumento sócio-religioso neolítico*. Relatório de capacidade científica. Lisboa: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Nova de Lisboa.
- GONÇALVES, José Pires (1961 e 1963) – “Monsaraz e Seu Termo. Ensaio monográfico”. 1.^a e 2.^a partes. *Boletim Anual de Cultura*. Évora: Junta Distrital de Évora. Separatas.
- GONÇALVES, José Pires (1966) – *Valor da prospecção toponímica no levantamento histórico de uma região portuguesa do Guadiana incluída no reino mouro de Badajoz*. Badajoz: Diputación provincial de Badajoz.
- GONÇALVES, José Pires (1970) – “Menires de Monsaraz”. *Arqueologia e História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. Série 9. 2: 151-175 – <https://tinyurl.com/yck3whew>
- GONÇALVES, José Pires (1972) – “Arte Rupestre de Monsaraz”. *Arquivos do Centro Cultural Português da Fundação Calouste Gulbenkian*. Paris. 5: 489-502.
- GONÇALVES, José Pires (1975) – “Roteiro de Alguns Megálitos da Região de Évora”. *A Cidade de Évora*. Évora. 58 (separata, 23 p.).
- GONÇALVES, José Pires (1976) – “Novos Menires Gravados no Paraíso Megalítico de Monsaraz”. In *V Congreso de Estudios Extremeños (Badajoz, 1976)*. *Actas*, pp. 43-48.
- GONÇALVES, José Pires (1979a) – “Monsaraz na Reconquista”. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 2.^a Série, 25: 9-44 (comunicação em 1976-11-05).
- GONÇALVES, José Pires (1979b) – “Alguns Aspectos das Campanhas de Geraldo Sem Pavor na Região do Guadiana”. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 2.^a Série. 26 (1): 67-102 (comunicação em 1977-11-04).
- GONÇALVES, José Pires (1981) – “Arrábidas de Mértola e Jerumenha”. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 2.^a Série. 27: 19-40 (comunicação em 1978-12-15).
- GONÇALVES, Victor S. (1996) – “Pastores, Agricultores e Metalurgistas em Reguengos de Monsaraz”. *Ophiussa. Revista do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*. Lisboa: Edições Colibri. 0: 77-96 – <http://hdl.handle.net/10451/27779>
- GONÇALVES, Victor S. (1988) – “Homenagem à Memória do Dr. Pires Gonçalves”. Intervenção proferida no dia 27 de fevereiro de 1988. *Palavra. Mensário de Reguengos* (1988-03-13). Reguengos de Monsaraz. 250, p. 12.
- GONÇALVES, Victor S. (1999) – *Reguengos de Monsaraz, Territórios Megalíticos*. Lisboa: Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz – <http://hdl.handle.net/10451/15871>
- GONÇALVES, Victor S. (2013) – *No Limite Oriental do Grupo Megalítico de Reguengos de Monsaraz*. Évora: EDIA / DRCALEN (*Memórias d’Odiãna*, 2.^a Série, 4) – <http://hdl.handle.net/10451/31793>
- LEISNER, Georg (1940) – “O Dolmen de Falsa Cúpula de Vale de Rodrigo”. *Biblos*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 20: 23-52.
- LEISNER, Georg e LEISNER, Vera (1951) – *Anais do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura.
- PAÇO, Afonso do e GONÇALVES, José Pires (1962) – “Castelo Velho do Degebe (Reguengos de Monsaraz). 1. Reconhecimento preliminar”. In *26.º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Porto, 1962)*. *Actas. Secção VII. História e Arqueologia*. Porto: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, pp. 347-351.
- PINA, Henrique Leonor (1961) – “A Anta da Herdade do Duque”. *Revista de Guimarães*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento. 71 (1-2): 13-26 – <https://tinyurl.com/2s3mvvku>
- PINA, Henrique Leonor (1963) – “A Anta da Azinheira (Reguengos de Monsaraz)”. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto: Instituto de Antropologia, Faculdade de Ciências, Universidade do Porto. 19 (1): 25-46 – <https://tinyurl.com/5yc3dw6x>
- SANTOS, Manuel Farinha dos (1972) – *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Editorial Verbo.
- SANTOS, Manuel Farinha dos e GONÇALVES, José Pires (1979) – “O Polidor Rupestre Num. 1 da Herdade da Capela”. In *XV Congresso Nacional de Arqueologia (Lugo, 1977)*. *Actas*. Zaragoza, pp. 375-384.
- SOARES, Joaquina e SILVA, Carlos Tavares da (1992) – “Para o Conhecimento dos Povoados do Megalitismo de Reguengos”. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal. 9-10: 37-88 – <https://tinyurl.com/4fsrkukm>
- VEIGA, Sebastião P. M. Estácio da (1889, 1891) – *Antiguidades Monumentais do Algarve. Tempos prehistóricos*. Lisboa: Imprensa Nacional, vols. 3 e 4.
- VIANA, Abel e FERREIRA, Octávio da Veiga (1956) – “L’Importance du Cuivre Péninsulaire dans les Ages du Bronze”. In *IV Congreso Internacional de Ciencias Prehistoricas y Protohistoricas (Madrid, 1954)*. *Actas*. Zaragoza, pp. 521-533.

[todas as ligações à Internet apresentadas neste artigo estavam ativas em 2025-01-18]